

TABULEIRO DO AMOR: APRENDER BRINCANDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

LOVE BOARD: LEARN BY PLAYING ABOUT GENDER AND SEXUALITY

Ana Lucia Barreto da Fonseca

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo
Professora Associada I do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – analb-fonseca@ufrb.edu.br

Alana Santos Oliveira

Médica graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – alanasnt@hotmail.com

Luana Oliveira Soares

Graduanda do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – luanasoares8198@gmail.com

Adrielle dos Santos Costa

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – adrielle.coosta@gmail.com

Siméia dos Santos Brito

Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – simeiasb@gmail.com

RESUMO

A ação educativa “Tabuleiro do amor: aprender brincando sobre gênero e sexualidade” tem por objetivo promover a aquisição de conhecimentos sobre gênero e sexualidade em adolescentes. A ação aconteceu em uma escola municipal do Recôncavo Baiano, participaram 32 estudantes com idades entre 13 e 19 anos. Os/as facilitadores/as eram graduando/as dos cursos de Psicologia, Medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Foram utilizados o jogo “Tabuleiro do Amor”, criado no NCDC/UFRB, protótipos sexuais e painéis informativos disponibilizados pela universidade. A ação aconteceu em duas salas da escola e os grupos de estudantes (GA e GB). Na Sala A – “Tabuleiro do Amor” e na Sala B – Falando de Sexo. As atividades aconteceram simultaneamente e depois de 90 minutos os grupos trocavam de sala. Em ambas as salas os temas versaram sobre gênero e sexualidade. Os/as estudantes foram bastante participativos/as e motivadores/as durante o jogo, enquanto na sala B ficaram mais calado/as, pouco/as interagiram e questionaram as/os facilitadoras/es. Um fator observado pelos/as integrantes da ação foi a ativa participação das garotas nas duas salas. Os dados corroboraram com a hipótese de que as atividades lúdicas podem levar aos envolvidos à motivação e concentração, especialmente dirigidos a temas complexos como o comportamento sexual.

Palavras chave: Sexualidade. Gênero. Comportamento sexual. Adolescentes. Educação

ABSTRACT

The educational action “Love board: Learn by playing about gender and sexuality” aims to promote the acquisition of knowledge about gender and sexuality in adolescents. The action took place in a municipal school in the Recôncavo Bahiano, with 32 students, aged between 13 and 19 years. The facilitators were graduates of Psychology, Medicine and Interdisciplinary Bachelor of Health

courses. The game “Love board”, created at the NCDC/UFRB, sexual prototypes and information panels provided by the university were used. The action took place in two rooms of the school and student groups (GA and GB). In Room A - “Love board” and in Room B - Talking about Sex. The activities took place simultaneously and after 90 minutes the groups switched rooms. In both rooms the themes were about gender and sexuality. The students were very participative and motivating during the game, while in room B they were quieter, interacted little and questioned the facilitators. A factor observed by the members of the action was the active participation of the girls in both rooms. These data corroborate playful activities such as those that lead to motivation and concentration involved, especially aimed at complex issues such as sexual behavior.

Keywords: Sexuality. Gender. Sexual behavior. Adolescents. Education.

INTRODUÇÃO

A proposta do projeto “Tabuleiro do amor: aprender brincando sobre gênero e sexualidade” surge como estratégia de superação da problemática evidenciada durante o processo de elaboração da tese de doutorado “Gravidez, maternidade e análise comportamental da cultura: crenças e atitudes de Agentes Comunitários de Saúde e de adolescentes grávidas do Sertão do Brasil”, coordenadora do NCDC, Prof.^a Dr.^a Ana Lucia Barreto da Fonseca. Naquele momento foram levantados os índices de gestação adolescentes e as taxas de contaminação por DSTs em jovens do Brasil, e foi identificado que o Nordeste, dentro do qual, a Bahia, estava entre os estados com os maiores números registrados (DATASUS, 2016).

O conhecimento dos altos índices de gestantes em menores de 20 anos, assim como, adolescentes portadores de DSTs levaram a proposição de criar um instrumento de educação sexual para os/as jovens estudantes. Esse instrumento deveria ter caráter lúdico, de modo que a aquisição do conhecimento ocorresse em forma de brincadeira, assim foi idealizado e construído o “Tabuleiro do Amor”, inspirado no “Jogo da Vida”.

O Tabuleiro do Amor visou à apresentação e elaboração de conhecimentos sobre gênero e sexualidade pelos sujeitos envolvidos, e, a partir desses conhecimentos, a aquisição de comportamentos sexuais preventivos nos/as jovens. Para além disso, a perspectiva de abrir espaços de reflexão sobre gênero e sexualidade. Desse modo, este projeto de extensão teve como foco a construção e aplicação de jogos

educativos focados no comportamento sexual – gênero, sexo e sexualidade dos/as adolescentes que frequentam escolas públicas da cidade da Bahia.

O presente Projeto de Extensão teve o objetivo de articular o brincar e a aprendizagem no processo da educação sexual dos/as adolescentes de uma escola municipal como estratégia de prevenção de comportamentos sexuais vulneráveis e respeito às diversidades de gênero. Como também, apresentar atividades que possibilitassem contingências reforçadoras aos/às jovens para a aquisição e emissão de comportamentos preventivos a DSTs-AIDS e gravidez não planejada, e o respeito e inclusão dos direitos sexuais e de gênero. Para a efetivação desses objetivos, o projeto envolveu os vários setores da comunidade, como: serviços de saúde, escola, centros comunitários, famílias e adolescentes, em conjunto com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com discentes dos cursos de Medicina, Psicologia, Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCENTE

O comportamento sexual e as questões de gênero envolvem uma infinidade de fatores, para além do biológico, estão envoltos fatores culturais, sociais, psíquicos, em especial na adolescência (FONSECA, 2014). Isso porque os seres reprodutivos são indubitavelmente sexuais e nos humanos essa característica intermedia todas as relações sociais e pessoais, definindo padrões de gênero e sexualidade como aspec-

tos que perpassam pela história sociocultural de cada grupo social e de cada um dos seus integrantes. Segundo Oliveira et al. (2019, p. 56):

A sociedade ocidental promoveu, ao longo da sua história, a seleção de padrões culturais bastante específicos para os gêneros, especialmente nos últimos três séculos. Esses padrões definem ao feminino a função de casar, procriar e cuidar dos integrantes da família, no restrito ao âmbito privado, submetido ao masculino que teria a função de prover e proteger, no âmbito público.

Como explicitado acima, ao longo dos séculos, os rapazes foram estimulados a exercerem indiscriminada e precocemente a vida sexual, demonstrando sua virilidade, enquanto as moças eram estimuladas a viverem alheias ao exercício da sexualidade. Mesmo no matrimônio, que ocorria, muitas vezes, logo após a menarca, para as fêmeas a atividade sexual deveria ter apenas função reprodutiva, como estratégia de controle dos corpos femininos e controle da origem da prole, e aos machos a liberdade sexual era estimulada (CAVASIN; ARRUDA, 2009; ALMEIDA, 2001). Esse padrão de comportamento sexual e de gênero é próprio da cultura eurocêntrica e heteronormativa, e tem permeado a cultura brasileira desde a chegada dos colonizadores portugueses à América (OLIVEIRA; CORDEIRO; FONSECA, 2020).

É perceptível este fato não somente através do estudo da história da família (ÁRIES; CHARTIER, 2009), mas também quando são analisados os conteúdos das “Estórias da Carochinha” ou “Contos de Fadas” vindos da Europa Medieval. Esses contos sempre apresentaram heroínas frágeis, pobres ou ricas, que, ainda na adolescência, têm o casamento como resolução das diversas dificuldades da vida. Nestas histórias estão implícitas atitudes e crenças construídas no meio social, ao longo da história, reproduzindo “formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade” (VIDAL, 2008, p.32).

O cenário acima inicia um processo de mudança quando, segundo Almeida (2001), o contexto social, político e econômico promove o surgimento de exigências educacionais para a inserção na vida do trabalho, especialmente no meio urbano, e a industrialização. Aos jovens foram lançadas novas contingências so-

ciais e verbais adversas aos padrões tradicionais, que, numa avalanche, foram produzindo mudanças nas concepções de gênero e sexualidade a partir do século XIX e XX. Isso teve início com a necessidade de especializar a mão de obra para a indústria, a urbanização, a formação educacional, e, em paralelo, o controle sanitário e a inserção das mulheres no meio produtivo (FONSECA, 2011).

Um exemplo dessas mudanças está nos primeiros estudos sobre a gravidez antes dos 18 anos, que ocorrem nos primeiros anos do século XX, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Esses estudos começam a preconizar a perspectiva da existência de um momento entre a infância e a maturidade, a adolescência, e descrevem as características específicas dessa fase da vida. Esses estudos buscaram conhecer e descrever as especificidades de comportamento social e individual dessa fase, embora de modo bastante incipiente, especialmente os estudos que tinham o foco no comportamento sexual dos/as adolescentes.

Esse quadro de mudanças graduais, segundo Fonseca e Borloti (2013) é mais efetivo a partir da década de 60 do século XX, resultante das redefinições sócio políticas e econômicas do pós-guerra. Esse período ficou marcado pelos movimentos estudantis, o que colocou os jovens em evidência e propiciou o aumento do interesse dos estudiosos pelo comportamento dessa população. Houve também o fortalecimento dos movimentos juvenis, que se desdobraram na Revolução Sexual e no Movimento Feminista (FONSECA, 2011).

Na década de 70, a gravidez na adolescência começou a se constituir como uma problemática nos países do hemisfério norte. As pesquisas justificavam a inadequação de uma gravidez antes dos 18 anos, por conta da imaturidade psíquica das jovens. Nas décadas de 80 e 90, ela se constituiu como tal por considerar a presença de riscos socioculturais que poderiam comprometer as condições de vida das jovens e das suas famílias.

Esses estudos abrem alguns pressupostos de políticas públicas educacionais dirigidos à sexualidade das/os jovens nos países da Europa e América do Norte, porém os países do he-

misfério sul permanecem alheios às políticas de educação sexual, de tal sorte, que o Brasil fecha o século XX com índices altos, mais ou menos 40% das gestantes menores de 18 anos, equiparados aos países mais pobres, enquanto os números na Inglaterra e nos Estados Unidos giravam em torno de 5%, e esses com políticas “duras” de controle (FONSECA, 2014).

Há uma pequena alteração nas políticas públicas dirigidas à sexualidade, ou mais diretamente à educação sexual, no Brasil, na década de 80 do século XX, com a disseminação da AIDS/HIV. Apesar das DSTs, antes chamadas de doenças venéreas, serem conhecidas desde a Antiguidade Clássica, as campanhas educativas antes da AIDS, dirigidas as DSTs eram pontuais e incipientes (CARVALHO; SILVA, 2012).

Mesmo lentamente, o século XX traz à luz questões ligadas às temáticas de gênero e sexualidade, em busca de garantias de direitos e espaços públicos para as minorias, com discussões sobre a condição das mulheres e comunidade gay, aos grupos LGBTQIA+ [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e +] (Oliveira, 2021). Esses movimentos começam a ter visibilidade e alcançam muitas camadas da sociedade e construção de agendas nos movimentos sociais e aquisição de garantias de direito e construção de espaços de fala (OLIVEIRA, 2021).

Tomando por base estes pressupostos, muitas estratégias têm sido disponibilizadas para intervir junto aos/às jovens, na prevenção de situações de riscos, na construção de comportamentos sexuais e pró-sociais da emergência dos temas decorrentes da sexualidade e gênero. Com a implantação do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), lançado pelo Ministério da Saúde em 1989, com vistas a enfatizar a promulgação da Lei 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê proteção integral à criança e ao/à adolescente, definindo ações voltadas para a assistência integral a esses grupos (ALMEIDA, 2001).

Em paralelo, o Ministério da Educação inseriu a Educação Sexual no currículo obrigatório das instituições educacionais, como parte das po-

líticas públicas com ações oficiais de caráter socioeducativo para a prevenção de doenças epidemiológicas e no combate às DSTs e à gravidez adolescente. Esse documento definiu que a educação sanitária e o planejamento familiar devem ser a efetivação dos pressupostos estabelecidos pelo SUS, com destaque para as populações vulneráveis como crianças e adolescentes.

Entre os protagonistas dessas políticas públicas estão as Estratégias de Saúde da Família (ESF) e os/as educadore/as. Assim são gestadas nas ações da Atenção Básica à Saúde e na Educação Formal intervenções de caráter preventivo ao comportamento sexual inadequado nas equipes de profissionais da saúde e da educação, destacando-se, dentre esses profissionais, os/as Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e educadores/as (FONSECA, 2014).

Segundo Fonseca (2011) e Borloti (2013), as ações dos/as ACSs estariam destinadas, principalmente, às populações de riscos epidemiológicos, no combate às práticas culturais insalubres e de alta morbidade (a exemplo da higiene, saneamento básico, nutrição, acompanhamento materno-infantil, planejamento familiar e doenças sexualmente transmissíveis – DSTs e a maternidade na adolescência). Já os/as educadores/as teriam que inserir nos conteúdos escolares temas relacionados à sexualidade a partir do aparato do estudo dos órgãos reprodutivos, especialmente nas disciplinas acadêmicas como Ciências e Biologia. Esses/as atores/as têm a função de explicitar as estratégias de proteção, as formas de transmissões das DSTs e a prevenção, incluindo a gestação entre os/as jovens estudantes.

Entretanto, apesar dos programas de educação sexual nas escolas e ações educativas dos/as ACSs, dirigidos a prevenção das DSTs e da gravidez adolescente, os índices ainda são muito altos, em torno de 30% e as DSTs acometem um número crescente de jovens. Além dessas questões, são cada vez maiores taxas de feminicídio e LGBTQIA+fobia, o que prescreve a necessidade de trabalho intenso e efetivo de uma educação voltada ao fenômeno da sexualidade e do gênero para que a mudança dos padrões de respostas nas gerações em formação sejam mais efetivas (OLIVEIRA;

CORDEIRO; FONSECA, 2020; BORLOTI; 2013; FONSECA, 2011).

O projeto aqui descrito reiterou, como exposto acima, a construção de um instrumento lúdico dirigido a educação sexual de adolescentes, com vistas a utilizar a brincadeira como estratégia de aprendizagem dialogada e construção de comportamentos sexuais preventivos, bem como a construção de valores sociais de respeito às diferenças sexuais e de gênero.

DA UNIVERSIDADE PARA A ESCOLA

O Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) realiza atividades de pesquisa e extensão com temas que envolvam o desenvolvimento humano permeado pela cultura com repercussões sobre os padrões comportamentais dos sujeitos. Entre os focos de estudo estão a adolescência e muitos dos aspectos que atravessam essa fase do desenvolvimento, entre os quais a construção da identidade de gênero e a sexualidade, aqui compreendida como um processo bio-psíquico-social em constante constituir-se.

Os projetos de pesquisa e extensão produzidos no NCDC são construídos e inter cruzados de modo que uma coleta de dados para uma dada pesquisa poderá disparar uma proposta de intervenção, como foi o caso da ação apresentada nesse texto, fruto da tese de doutorado da coordenadora, como dito acima. O núcleo é composto pela docente coordenadora e discentes dos cursos de Psicologia, Medicina e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do Centro de Ciências da Saúde (CCS/UFRB) que demonstrem interesse pelas temáticas expostas e integrem as ações de pesquisa e extensão. As atividades desenvolvidas incluem reuniões semanais para discussão de textos que versem sobre os temas em foco, elaboração de projetos de pesquisas, relatórios e artigos, instrumentos de coleta de dados, bem como materiais para serem utilizados nas ações de caráter socioeducativos, em geral dirigido a educação sexual em escolas e na comunidade

(praças, igrejas, eventos).

A ação educativa “Tabuleiro do Amor” foi pensada e produzida por todos os integrantes do NCDC, com divisões de tarefas: produzir os quadros do tabuleiro com material E.V.A., as fichas de perguntas e as fichas de “possíveis” respostas para os diversos temas que circundam a adolescência, identidade de gênero e comportamento sexual (prevenção, definição sexual, direito reprodutivo, transgêneros, DSTs/ AIDS, gravidez, direitos sexuais, construção da identidade de gênero), regras do jogo, definição das estratégias de organização dos grupos de adolescentes e, em paralelo, a utilização de duas metodologias aprendizagem: convencional e lúdica.

VAMOS AO CAMPO!

A ação aqui descrita contou com a participação de 32 estudantes do Ensino Fundamental II, 18 definidas como femininas e 14 definidos como masculinos, com idades variando de 13 e 19 anos, matriculados em uma escola municipal de pequeno porte, localizada nas imediações do campus da universidade. O espaço aberto da escola era amplo e arejado, porém as salas de aula tinham pouca ventilação e baixa luminosidade, com carteiras velhas e enfileiradas. Essa escola acolhia, em sua maioria, crianças e adolescentes de bairros periféricos da cidade e área rural do município. Os pais e familiares exerciam atividades como pequenos produtores rurais, feirantes e vendedores ambulantes.

A ação foi realizada por cinco discentes do curso de Medicina, quatro do curso de Psicologia e um do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sendo eles sete femininas e três masculinos, a coordenadora pedagógica, a diretora da escola e a coordenadora do projeto, docente da UFRB.

Os instrumentos utilizados foram: o jogo “Tabuleiro do Amor”, produzido pelos integrantes do Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC), composto de um tabuleiro (quadros de E.V.A. coloridos e montados no chão em círculos), cartões com perguntas e respostas, um dado gigante (con-

feccionado com feltro colorido), coletes em cores diferentes para identificação dos “Bonecos/as”/pinos que representariam cada subgrupo e prêmios para os “acertos”. Também foram utilizados protótipos dos aparelhos sexuais femininos e masculinos, das mamas, kit demonstração dos métodos contraceptivos e painéis ilustrativos das DSTs disponibilizados pelo Centro de Ciências da Saúde da UFRB.

Para a ação foram disponibilizadas duas salas, uma sala de aula convencional, com carteiras escolares enfileiradas e uma sala em que funcionava a biblioteca da escola, em que as poucas carteiras existentes foram empilhadas no fundo para liberar espaço para a montagem do “Tabuleiro do Amor” no chão.

O DADO FOI LANÇADO!

Como dito acima, a direção da escola solicitou para a coordenadora do projeto, que realizava atividade de estágio curricular na escola, que promovesse uma atividade de Educação Sexual com os/as adolescentes. Essa demanda surgiu a partir da observação de comportamentos agressivos entre os/as estudantes, dirigidos ao feminino, em especial a um adolescente, com agressões verbais e físicas, e a definição de ser “homossexual” e “gay”.

O corpo docente da escola denunciou o fato para a coordenação e para a direção, descrevendo alguns episódios de bullying, com agressões físicas e psicológicas promovidas pelo grupo definido como masculino ao grupo definido como feminino. Foram realizadas algumas intervenções com o objetivo de conter esses comportamentos, como conversas individuais com os promotores do bullying, encontro com os pais, trabalhos com os grupos de adolescentes, mas não houve mudança de comportamento dos/as envolvido/as.

Durante a solicitação, a professora de Estágio apresentou o projeto “Tabuleiro do Amor”, explicando suas características e principais objetivos, descrevendo as estratégias de trabalho e a estrutura necessária a sua efetivação. Para tanto, foram solicitadas duas salas de aula amplas e com pouca circulação de pessoas na área, além da necessidade de obter a autori-

zação formal dos familiares quanto à participação dos/as adolescentes.

A proposta foi aceita pela escola e agendada a execução para a penúltima semana de aula dos estudantes, antes das avaliações. Fato que foi postergado em consequência da escola, na pessoa dos seus gestores e docentes, ter sofrido ameaça de um “chefe da boca de fumo”, caso a escola não fechasse no dia da morte da irmã do “chefe”.

Na semana seguinte, toda equipe integrante do NCDC chegaram à escola devidamente trajados com a “farda” do núcleo, se dividiram em dois subgrupos e começaram a organizar a montagem do tabuleiro no chão da biblioteca, enquanto o outro subgrupo montava os protótipos sexuais, mama e painéis nas paredes na sala de aula disponibilizada.

Os/as adolescentes foram, aos poucos, adentrando a sala de aula e divididos nos grupos A e B, cada um composto com 16 jovens, entre femininos e masculinos. O grupo A foi levado para outra sala, onde estava armado o tabuleiro no chão e as cadeiras estavam empilhadas nos cantos. O grupo B permaneceu na sala no modelo convencional de sala de aula, todos foram sentados nas carteiras e os/as acadêmicas/os utilizaram o birô para expor os protótipos e os painéis para explicitar as DSTs e os contraceptivos.

O plano de trabalho definia que em cada sala haveria cinco estudantes da universidade, definidos aleatoriamente, eles/as seriam os/as responsáveis pela execução dos trabalhos. Desses/as, dois/duas discentes seriam responsáveis por registrar o processo, definiriam siglas para cada participante, como A (adolescente), M (masculino), F (feminino), V (subgrupo verde), AM (subgrupo amarelo), PA (pino amarelo), FA (facilitador/a) e assim sucessivamente, enquanto três discentes realizariam a atividade. Os grupos A e B participariam de atividades concomitantemente. Enquanto o grupo B estivesse na sala de aula em ação educativa “convencional”, o grupo A estaria na biblioteca participando da brincadeira “Tabuleiro do Amor”. Quando os trabalhos em cada sala fossem concluídos, os grupos trocariam de sala, e assim foi feito.

Nas salas A e B, o momento inicial foi similar, os/as graduandos/as se apresentaram para as/aos adolescentes informando seus nomes, cursos e idades, em seguida pediram a eles/as para que se apresentassem informando nome, ano e idade. Após todas as apresentações, foram definidas as atividades e como seriam realizadas, em ambas as salas, que foram nominadas como sala A – Tabuleiro do Amor e sala B – Falando de Sexo.

Na sala A, foi explicitado como seria o jogo, suas regras, prêmios e “punições” em situações de acerto ou erro. Os/as adolescentes foram divididas/os em quatro subgrupos com quatro integrantes. Para que todos pudessem identificar os subgrupos, eles/as vestiram um colete de cores especificadas, sendo nominados/as de Grupo Amarelo, Grupo Vermelho, Grupo Verde e Grupo Azul. Dentro de cada subgrupo foi escolhido um/a deles/as para ser o/a “boneco/a” do tabuleiro (Pino), enquanto os/as outros/as jogassem o dado, o/a “boneco/a” se deslocaria no tabuleiro conforme o número disposto no dado.

O dado foi lançado e o/a “boneco/a” passou a andar no tabuleiro conforme o número de quadrados correspondente ao dado, na casa em que parava cada pino era lido um texto informativo, colado na “casa”, por um/a da/os integrantes do grupo em jogo, em seguida, o número do quadrante levava aos cartões de perguntas. O/a acadêmico/a responsável pelos cartões lia a pergunta, e para o grupo “da vez” era dada a chance de responder ou passar. Quando passava, qualquer outro grupo respondia. Caso “acertasse”, o grupo abria o cartão de resposta onde estava definido o prêmio (avançar no tabuleiro, uma caneta, um lápis, uma borracha...), quando “errava”, era definido a punição no cartão de resposta (recuar no tabuleiro, fazer algo engraçado como dançar ou cantar uma música, quem definia eram o/as adversário/as). Todas as informações no tabuleiro, dos cartões e suas respostas eram sobre temas dirigidos para sexualidade e gênero, “erros e acertos” eram definidos como respostas aproximadas que constava nos cartões respostas.

Na sala B, o/as acadêmico/as organizaram as carteiras em círculo e apresentaram as dife-

renças anatômicas das genitálias femininas e masculinas, citando sua nomenclatura científica e popular através dos protótipos de borracha. Enquanto mostravam os modelos os/às estudantes, eles/as eram convidados/as a tocar, olhar os detalhes, perguntar e comentar o que lhes suscitasse dúvidas e reflexões. Nesse processo foram expostos temas sobre reprodução, formação genital, mudança de sexo, masturbação, relação oral, genital, anal, bem como as DSTs e os fatores hormonais que definem a formação do corpo feminino e masculino.

Após cerca de 90 minutos, as atividades foram finalizadas em ambas as salas e foi servido um lanche na área livre da escola. Os sujeitos da sala A estavam festejando o primeiro e segundo lugar no jogo e interagindo com o pessoal da sala B. Após o lanche, os grupos trocaram, o grupo A foi para a atividade da sala B e vice-versa. Todos os procedimentos foram reaplicados sob foco dos/as mesmos/as facilitadores/as que compunham cada sala.

Ao final das atividades, todos/as foram reunidos/as na área aberta da escola, para a entrega dos prêmios aos subgrupos de primeiro e segundo colocados no jogo (bolsinhas, kit escolar, canetas, copos) dos grupos A e B e os devidos agradecimentos a participação de todos/as.

OBSERVAÇÕES – RESULTADOS ALCANÇADOS

A participação dos/as adolescentes no jogo do “Tabuleiro do Amor” foi a princípio distanciada e tímida, e aos poucos começou a gerar mais interação e euforia com torcida, aplausos aos “acertos”, vaias aos “erros” e interesse em responder e aprender de maneira correta. Algumas questões suscitavam risos, piadas e vergonha dos que estavam à frente, que eram superadas pela tranquilidade e naturalidade da equipe acadêmica. A brincadeira pareceu ser bastante motivadora, estabeleceu um caráter colaborativo entre integrantes dos subgrupos e competitivo em relação aos demais subgrupos. Esse fato fez com que ficassem atentos e tivessem interesse em responder

corretamente e buscar aquele, entre eles/as, que pudessem ter a melhor resposta.

No decorrer do jogo, algumas perguntas foram refeitas de modo diferenciado, como estratégia de verificação da absorção do conteúdo e atenção e concentração no jogo. As primeiras questões que se repetiam, alguns estudantes “denunciaram” que já havia sido realizada tal pergunta e outros/as apresentavam as respostas “corretas”, fato que suscitava a perspectiva de aprendizagem e interesse no jogo.

A participação no Falando de Sexo foi no estilo convencional, com os estudantes “acomodados” em seus lugares, apesar da manipulação e acesso aos protótipos da genitália feminina e masculina, as mamas, e imagens de DSTs, assim como a manipulação dos contraceptivos, o grupo respondeu de modo mais pacato. Apenas dois ou três estudantes se expressavam e tomavam a fala com questionamentos e afirmativas, cinco, dos quais quatro femininas, deslocaram-se até os protótipos. Alguns estudantes apresentaram a descrição de casos conhecidos, a grande maioria permaneceu calado/a ou emitindo um ou outro comentário.

Com a troca da sala e de atividade, a dinâmica dos grupos A e B alteraram um pouco. O grupo que foi da sala Falando de Sexo pareceu interagir mais com as/os discentes durante a explanação, as demonstrações dos corpos femininos e masculinos, os temas foram mais discutidos e as “meninas” também eram mais participativas. Nesse momento, cerca de nove estudantes, sete femininos e dois masculinos, levantaram para manipular os protótipos sexuais e comentavam sobre as questões apresentadas durante o jogo.

O grupo que foi o segundo tempo na sala “Tabuleiro do Amor” tiveram um número um pouco maior de acertos das questões do jogo, em relação ao primeiro grupo, mas nada significativo. Eles/as iniciaram mais contidos/as e aos poucos foram sendo motivados/as, participando ativamente da dinâmica do jogo, festejando os “acertos”, discutindo os “erros” e mobilizando uns aos outros.

Assim como os dados do trabalho de Oliveira et al. (2019), as estudantes femininas também eram mais participativas, interagindo e ques-

tionando, assim como, pareciam ter mais informações que os estudantes masculinos, tanto durante os momentos dos jogos quanto no Falando de Sexo. As “meninas” demonstravam mais interesse em mostrar conhecimento, como em obter conhecimento, os “meninos”, em geral, pareciam alheios àquelas informações, mesmo durante o jogo. Os grupos compostos de maioria feminina foram os que alcançaram os primeiros lugares no jogo e na sala Falando de Sexo, a fala também foi majoritariamente feminina.

Oliveira et al. (2019) levanta a questão heteronormativa como provável hipótese ao distanciamento do masculino aos temas que envolvem o conhecimento sobre gênero e sexualidade, para além da aparente necessidade de estar em atividade sexual, cuidados e prevenção estão dirigidos aos sujeitos femininos. Por outro lado, o feminino se empodera e busca se apropriar do controle de seus corpos, definindo suas práticas reprodutivas e prevenindo-se das DSTs, além de galgarem exercer a sexualidade com maior liberdade de expressão (FONSECA; BORLOTI, 2016).

Outro fato que suscitou análise foi quanto às questões apreendidas na sala B que levantou a hipótese inicial de favorecer o grupo B na segunda parte da ação, já que esse grupo teria passado pela exposição de uma gama de informações antes do jogo, algo que não ocorreu com o grupo A. A lógica foi inversa, o grupo A foi para sala B munido de motivação e informação proveniente das questões respondidas durante o jogo, estavam atentos e motivados, e o grupo B acertou um número relativamente insignificante de mais questões que o grupo A.

Ficou claro que o uso de ferramentas lúdicas é bastante favorável na educação de modo amplo, na educação sexual tornou mais leve e motivador aos envolvidos, inclusive com a adesão mais efetiva dos facilitadores da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual, as discussões sobre gênero e sexualidade são imprescindíveis para a formação de novos comportamentos dirigi-

dos a esses fenômenos e quanto mais precoce seja introduzida no arsenal de informação das pessoas, mais efetivo se torna sua aquisição. Na juventude, torna essa formação mais efervescente visto que os/as adolescentes estão vivendo as transformações corporais e inserção no universo das relações sexuais, definindo identidades sexuais e de gênero (FONSECA, 2011). Os jovens estão em processo de construção do comportamento, de modo que informações, modelos de comportamentos assertivos e pró-sociais podem promover respostas mais adaptativas as mudanças constantes da sociedade.

As ações desenvolvidas pelo projeto “Tabuleiro do Amor” têm deixado bastante evidente que a educação através de estratégias lúdicas torna o aprendizado muito mais motivador e conseqüentemente mais efetivo. Quanto mais a dinâmica do processo de formação for ao encontro dos grupos com metodologias facilitadoras, mais haverá motivação a aquisição do conhecimento.

A ação aqui descrita pode ter efeitos invisíveis aos expectadores, mas a certeza que os protagonistas do processo, sejam os/as adolescentes e ou os/as discentes envolvidos/as, terão em si muito do que viveram naqueles instantes. As informações levantadas pela gestão escolar trazem esperança que os efeitos estão

sendo processados, visto que alguns/umas estudantes comentaram a respeito com os/as genitores/as e esses trouxeram boas notícias para a escola.

Um fator motivador maior foi a diminuição das práticas agressivas e discriminatórias dirigidas ao gênero feminino no ambiente escolar. Outro fator que saltou aos olhos de todos que integraram a equipe de facilitadores foi a participação efetiva das meninas em todas as atividades. Elas estavam atentas, curiosas, sedentas de saber e de querer estar no controle de seus corpos e conseqüentemente de suas vidas. Como afirma Oliveira et al. (2019), há um visível empoderamento feminino, que passa pela sexualidade e se dirige a variados aspectos das suas vidas, embora ainda cheia de contradições e muito a construir (FONSECA, 2014).

A sexualidade, o sexo, as questões de gênero ainda suscitarão uma infinidade de movimentos, sejam esses políticos, sociais, psicológicos, quíca, biológicos, ainda há muito que avançar, sem chegar ao topo sem correr o risco de deslizar para o outro lado da ribanceira. As ações de caráter educativo não podem cessar, devem ser sempre o foco da construção de uma sociedade com relações humanas mais horizontais, pois temos o compromisso de construir uma sociedade mais igualitária e fraterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição C. de. **Anticoncepção na adolescência**: um estudo sobre conhecimentos e uso de contraceptivos por escolares da rede pública estadual da Bahia. Dissertação de mestrado. Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

ÁRIES; Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**: da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 2009.

Carvalho; Silva, Sergio. A. M. de, (2012). <http://www.drsergio.com.br/dst/dst1.html> acessado em 05.09.2012.

CAVASIN Silvia; ARRUDA, Silvane. **Gravidez na Adolescência**: desejo ou subversão? Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECO's). Boletim n. 2, 2009.

DATASUS (2016) <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203>

FONSECA, Ana Lucia Barreto. da. Comportamento verbal dirigido à maternidade para jovens do nordeste brasileiro. In: **Comportamento, Desenvolvimento e Cultura**. Ana Lucia Barreto da Fonseca (Org.). Curitiba/PR: CRV, 2014, p. 141-162.

FONSECA, Ana Lucia Barreto da. **Gravidez, maternidade e análise comportamental da cultura:** crenças e atitudes em práticas culturais de agentes comunitárias de saúde e adolescentes grávidas do sertão do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFES, 2011.

FONSECA, Ana Lucia Barreto da; BORLOTI, Eliseu Batista. Comportamento verbal de agentes comunitários de saúde sobre a maternidade adolescente. In: **Psicologia e suas interfaces:** estudos interdisciplinares. Alvany M. S. Santiago e Ana Lucia Barreto da Fonseca (Orgs.). Salvador/Ba: Edufba, 2016, p. 115 – 134.

OLIVEIRA, Alana Santos; FONSECA, Ana Lucia Barreto da; CARNEIRO, Janaiara dos Santos; SOARES, Luana Oliveira; LIMA, Taina de Andrade. **Educação Sexual:** As motivações a partir do gênero dos jovens. In: Juventude Br. CEMJ. 17 Edição – Ano 14 – Jan/jun 2019, p. 54-59.

OLIVEIRA, Marta. **O que significa a sigla LGBTQIA+?** https://www.printi.com.br/blog/a-representatividade-por-tras-do-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia?gclid=CjwKCAjw87SHBhBiEiwAuk-SeUZI95GeZuys-w8rtH5nNMoh9KUAG7y6YaF12PsQ5KHngz_h38U23UBoCDHAQAvD_BwE Acessado em 25/06/2021.

OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; CORDEIRO, Rosa Candido; FONSECA, Ana Lucia Barreto da. Desigualdade racial e de gênero na pandemia do COVID-19. In: **Saúde da população negra e indígena.** Washington Luan G. de Oliveiraa, Rosa Candido Cordeiro e Fernando Vicentini (Orgs.). Cruz da Almas/BA: EDUFRB, 2020, p. 13 – 28.

VIDAL, Francisco F. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas:** os “novos contos de fadas” ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – Porto Alegre, 2008. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14655/000659094.pdf?sequence=1> Acessado em 22/05/2019